

O TRIUNFO DA FICÇÃO: O TRÂNSITO ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

*THE TRIUMPH OF FICTION: THE TRANSIT BETWEEN HISTORY
AND LITERATURE*

Átila Silva Arruda Teixeira

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC)
Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)
atilalit@gmail.com

Resumo: O presente artigo é parte sintética da tese de doutoramento intitulada **A unidade geral na obra de Bernardo Élis**: literatura, história e sociedade, concluída em 2017 na Universidade Federal de Goiás. A pesquisa se propôs a buscar a unidade geral que perpassa toda a obra – inclusive a não-ficcional – do escritor de Corumbá de Goiás: o amálgama entre a criação estética, sujeita a uma constante reelaboração, história e a sociedade goianas, sobretudo em seus momentos de crise.

Palavras-chave: Bernardo Élis. Literatura, história e sociedade. Representação literária.

Abstract: This paper is a synthetic part of the doctoral thesis entitled **The general unit in the work of Bernardo Élis**: literature, history and society, completed in 2017 at the Federal University of Goiás. The search proposed to search for the general unit that permeates all the work - including the non-fictional one - of the writer from Corumbá de Goiás: the amalgam between the aesthetic creation, given to a constant reelaboration, history and society of Goiás, especially in its moments of crisis.

Keywords: Bernardo Élis. Literature, history and society. Literary representation.

Meados dos anos 1990. Pela janela, caminhões e carroças, fumaça e poeira: Goiânia expandia seus limites dia após dia. Do pequeno chalé em que morava, sentado à cadeira de balanço, um senhor octogenário, um dos fundadores da cidade, via a construção de um *shopping center* onde antes era uma fazenda conhecida pela braveza de suas vacas. O espectador, ao estabelecer uma reflexão sobre a importância da nova capital para Goiás, acreditava que as mudanças ocorridas com a construção de Goiânia eram perceptíveis em todos os aspectos da vida goiana. Até mesmo os costumes

modificaram um pouco com a criação e o crescimento da cidade, mas, admitia, não o suficiente para debelar os aspectos feudais e o latifúndio do Estado (ÉLIS, 1997c, p. 3).

A Goiânia finissecular parecia equilibrar-se hesitante entre o progresso que os “revolucionários de 1930” usaram como argumento para destronar a secular Cidade de Goiás do posto de capital – progresso esse apenas sentido, de fato, tanto para o bem quanto para o mal, com o início da construção de Brasília, na década de 1950 (ÉLIS, 1987a, v. 4, p. 78) –, e o desejo de se manter um certo caráter interiorano, exemplificado em seus jardins, prometidos quando do lançamento da sua pedra fundamental, em 1933 (ÉLIS, 1987a, v. 4, p. 79), ambientes adequados a convescotes de final de tarde. Entre aparentes oposições, não apenas estava o chalé em um espaço urbano de um país tropical, nem um centro de compras onde outrora só havia pasto, nem o anseio de cosmopolitismo de um Estado e de sua capital, mas que concomitantemente tinham uma cultura com forte predominância de tradições ligadas ao mundo rural. Estava também a obra literária desse octogenário que, a partir do homem enraizado nos sertões de Goiás, representava aspectos compartilhados por todas as culturas, por todos os lugares, por todas as épocas: paixões e ódios, solidariedades e avarezas, medos e coragens.

O balanço da velha cadeira estava em consonância com a relação que esse senhor, talvez o autor mais premiado da história do Estado, mantinha há meio século com a literatura. Realizou seu sonho de ser escritor (ÉLIS, 2000b, p. A-99), mas dizia sempre que “se nascesse outra vez, ia criar tatu, ia criar tartaruga, se visse um prédio escrito grupo escolar, passaria longe, não ia querer saber desse negócio de estudos” (ÉLIS, 1997b, p. 3). Reconhecia que a literatura lhe dera status, mas também quase nenhum ganho financeiro – recebia anualmente por direito autoral o correspondente a menos da metade da aposentadoria mensal de professor (ÉLIS, 2000a, p. 101). Acreditava que sua obra, ao ser adaptada para o cinema, seria mais divulgada e, concomitantemente, vendida; entretanto, ao saber que deveria contratar um fiscal que, por sessão, ganharia mais que ele, autor, para simplesmente acompanhar a exibição da película, abriu mão do valor que teria direito a recolher por cada execução do filme (ÉLIS, 1997c, p. 3). Irascível frente a esse quadro, afirmou: “Escrevi porque era uma pessoa inocente. Meu pai enaltecia muito a literatura, escreveu dois livros e colaborou em muitos jornais sem pensar em ganhar dinheiro. E ele incutiu um pouco disso em mim. Então, a literatura pode ser muito bonita mas dá muita fome” (ÉLIS, 1993, p. 7).

Engana-se, porém, quem considera que o balanço final seria inteiramente de negativas. Havia um saldo: “A maior compensação talvez tenha sido divulgar o nome de Goiás” (ÉLIS, 2000b, p. A-29). Esse sucesso ultrapassava a questão de a sua literatura ser “matéria difícil, porque focalizava problemas goianos tidos como indignos do lazer literário” (ÉLIS, 2000a, p. 99) e se assentava na organicidade que essas narrativas tinham com a sociedade do Estado. Em suas narrativas estão representados literariamente não apenas personagens que passavam por determinados conflitos, seja de subsistência, de sobrevivência, de moral. Estão a cultura, a linguagem, os hábitos, as tradições, os costumes do sertanejo goiano. Estão a simpatia para fazer estiar a chuva, as rezas – tanto as que pedem a proteção divina como as que negam o sagrado –; a ida ao mercado para se inteirar das novidades, o isolamento do ermitão; o prazeroso banho de rio, o afogamento na enchente; a busca desesperada por uma enxada, o descarte de um violão velho. Estão presentes a vida e a morte da população mais pobre, meros títeres nas mãos dos poderosos.

Por fim, Bernardo Élis, o escritor octogenário que estava na velha cadeira de balanço, admitiu que ao escrever abria a sua janela para tentar compreender os homens: “Entendo que escrever é a minha janela para o mundo, a minha maneira de participar da vida geral. Não consigo fazer do ato de escrever uma distração ou um passatempo. É um trabalho, é um exercício de conhecer as pessoas, as situações, o mundo” (ÉLIS, 2000a, p. 129).

O aparente caráter antitético não marca a obra bernardiana apenas como uma escolha estilística ou temática. Trata-se, na verdade, de uma representação literária de uma dualidade existente na sociedade goiana, na qual coexistiam elementos mais relacionados com a modernização – o caminhão, o êxodo rural, os passeios de carro – com outros oriundos de um instante anterior, como o aboio, a vida na pequena cidade, a ausência de sal nas refeições. Fundidos no mesmo sistema, esse constante jogo de contrários ora tem um aspecto curioso – como quando Nequinho, no conto “A crueldade benéfica de Tambiú”, de **Ermos e gerais**, antes um reles bêbado estrábico que depois de ser alvejado no rosto pelo Soldado Tambiú, perde um olho. Devido à deficiência visual, com a possibilidade de retirar e colocar a prótese que supria a ausência do globo ocular, o bêbado surpreendia multidões com essa estranha habilidade e passou, assim, a garantir o seu sustento como mágico. Anos depois, Nequinho, ao saber da morte do seu algoz, deseja prender o culpado do assassinato do “Santo Tambiú” (ÉLIS, 1959, p. 127) –; ora

um tom mórbido – existente, por exemplo, nos assassinatos dos reféns da polícia, em **O tronco**. Damião Bastos, uma das vítimas, implorando para que fosse executado antes dos filhos, fazia, na percepção dos praças, crescer desmesuradamente seu rosto no escuro do quarto, com sua face adquirindo um tamanho desproporcional, horrendo, aos brados, obrigando o soldado a recuar (ÉLIS, 2003, p. 217-218).

O fato de essa construção dual estar ancorada em uma contundente denúncia das precárias condições de vida do sertanejo goiano possibilitou a recriação estética de uma realidade que transcende seu referencial e revela a deformação existente devido à junção de elementos, a princípio, díspares ou hipertrofiados. Essa distorção, primordial nos textos bernardianos, todavia, não solapa seu referencial, mas sim o radicaliza. Tomando-o pela raiz, essa representação literária é capaz de impor a sua realidade, não apenas verossímil, mas também aguda, expondo de forma ampliada as transformações do espaço e das personagens frente aos acontecimentos sócio-históricos que propiciaram aquela representação. Assim, pode ser estabelecido uma relação simbiótica entre a recriação estética e seu referencial na obra bernardiana: a partir de uma dada realidade antitética, quando não paradoxal, excludente e violenta, a literatura potencializaria as disparidades sociais ao ressaltar o conflito existente entre o indivíduo marginalizado e um tempo histórico que negaria veementemente a possibilidade de sobrevivência naquele contexto.

A preocupação histórica nas narrativas bernardianas, de forma quase total, centra-se em dois períodos de desestruturação das engrenagens sociais muito significativas para a sociedade goiana: o declínio do ciclo do ouro, situado no início dos oitocentos, exemplificado especialmente pelo romance **Chegou o governador** (1987), e a incorporação do Estado às regiões mais desenvolvidas economicamente do país, resultando na derrocada da atividade agropastoril de subsistência, da transformação do coronelismo tradicional e na consolidação de pequenos núcleos urbanos, ocorrida um pouco anterior e, logo depois, concomitante a “Revolução de 1930” e a “Marcha para o Oeste”. Essa incorporação, por seu turno, é representada por quase toda a contística, pela novela “André louco”, publicada em **Ermos e gerais** (1944) e pelo romance **O tronco** (1956). Soma-se secundariamente a esses períodos a construção de Goiânia, mas, na contramão da historiografia das décadas de 1930 e 1940 e dos discursos dos “revolucionários de 30”, o foco narrativo está correlacionado a visão predominantemente negativa que os habitantes da Cidade de Goiás possuíam sobre a

construção da nova capital: trata-se da novela “Apenas um violão”, presente no livro homônimo, de 1984, que, fugindo dos grandiosos elogios fáceis que a empreitada obteve, confirma a perspectiva bernardiana de sempre recriar esteticamente a faceta não laudatória do discurso oficial. Os críticos de primeira hora dos livros de Bernardo Élis constataram a simbiose entre literatura, história e sociedade em **Ermos e gerais** e prosseguiram nesta avaliação a cada nova obra publicada; entretanto, algumas razões parecem ter impedido que essa junção fosse considerada como a força motriz de todo o conjunto de textos do autor. Em primeiro lugar, como apresentado por Albertina Vicentini (1998), essa relação era precípua ao regionalismo literário ao qual o autor estava em consonância. O próprio Élis, em um texto crítico intitulado “Tendências regionalistas no modernismo”, vinculado às comemorações do cinquentenário da Semana de Arte Moderna, afirmou que sete características regionalistas permaneceram de alguma forma no modernismo: “Tema”, “Nacionalismo”, “Oralidade”, “Documentário”, “Persistência de estruturas literárias tradicionais”, “Linguagem” e “Aceitação de inovações literárias estrangeiras coincidentes com a cultura brasileira”. Argumentou Élis:

Com exclusão das obras ligadas às correntes esteticistas da fase simbolista e modernista (em torno de 1922); com exclusão ainda de autores ligados às correntes introspectivas que têm como tema problemas de existência, problemas do ser, alguns problemas metafísicos - com exceção desses, nossa temática é preferencialmente e exclusivamente regional (ÉLIS, 1975, p. 88).

Mesmo tendo considerado as exceções, para Élis (1975) produzir literatura no Brasil implicava em um engajamento na realidade do país, partindo da representação de uma determinada região brasileira. Essa premissa começou a ser corroborada quando, no referido texto crítico, o autor de **O tronco** citou Wilson Martins: “A ambição subconsciente de todo escritor brasileiro tem sido a de escrever um ‘retrato do Brasil’, e isso explica a exuberância de nossa literatura regionalista” (apud ÉLIS, 1975, p. 94). Esse “retrato do Brasil”, retomando a expressão cunhada por Paulo Prado, seria configurado mais fora dos grandes centros, pois esses seriam suscetíveis ao cosmopolitismo, enquanto o ambiente provinciano guardaria o verismo da realidade brasileira, além do nacionalismo (ÉLIS, 1975, p. 95). Nesse sentido, se o adjetivo pátrio influía radicalmente na estruturação literária das narrativas do país, particularizar um autor a partir de uma característica geral, poderia significar certo contrassenso.

Em segundo lugar, no plano da crítica literária de Goiás nos anos 1940-1950, existiam reservas sobre a utilização da história por parte do literato. Essa censura decorria da errônea premissa que, ao se valer de fatos amplamente divulgados e conhecidos, o escritor perdia seu poder de criação e acabava por restringir a sua obra a um mero registro dos fatos históricos. Essa é, por exemplo, a tônica do artigo “O tronco - um romance sem originalidade”, de Jarmund Nasser, publicado originalmente no **Jornal de Notícias**, em novembro de 1956, em virtude do lançamento do romance e posteriormente republicado pelo jornal **O Popular**, em setembro de 1968, devido a sua segunda edição. **O tronco**, nesse sentido, não apenas representou literariamente acontecimentos históricos ligados ao coronelismo tradicional, mas também trouxe à tona o velho debate sobre as fronteiras entre literatura e história. Gilberto Mendonça Teles (2007), confirmado a existência dessa reflexão no final dos anos 1950 em Goiás, afirmou que o principal romance de Bernardo Élis “suscitou polêmicas, principalmente por andarem os críticos confundindo história e ficção, como se o romancista, em vez de romancista, fosse historiador” (TELES, 2007, p. 70-71). Essa discussão gerou tantos debates que até José Godoy Garcia, um dos mais importantes escritores da literatura produzida em Goiás, quase quarenta anos depois da publicação de **O tronco**, ainda tecia considerações controversas – para não dizer equivocadas – sobre o romance histórico:

O documento atrapalha a mente do criador, sei disso teórica e praticamente, pois o documento em meu romance *O caminho de Trombas* me levou a empobrecer minha fabulação do mesmo, tornando a obra um tanto naturalística. Mas aqui com Bernardo Élis tratava-se de um documento histórico, e não se pode furtar a legalidade, necessária, ainda que promissora ou não dos fatos históricos. O romance histórico pode existir, existe sim como criação artística, mas não pode jamais furtar-se à legitimidade dos fatos; não se pode tumultuar o sentido dessa legitimidade (GARCIA, 1997, p. 59).

A radicalização ocorrida impediu um debate mais profícuo sobre literatura e história. Os críticos acabaram por se limitar a uma questão secundária: se havia fidedignidade entre os fatos ocorridos e o romance, desconsiderando que a representação literária não tem a pretensão de verdade presente no discurso historiográfico. Enquanto Garcia reclamava das diferenças entre o que, a seu ver, realmente ocorreu e a obra literária, na visão de Nasser (1968), Élis se ateu demasiadamente aos fatos históricos, ao ponto de ter “simplesmente romanceado” uma obra de cunho histórico intitulada **Expedição Histórica nos Sertões de Goiás - São**

José do Duro, de Guilherme Figueiredo Coelho, publicada em 1937 e que se propunha a analisar o Barulho do Duro. Afirmou Jarmund Nasser (1968): “A esta altura, está suficientemente claro a procedência do que afirmei no início desse artigo. Talvez, alguém mais exigente, chegue a ponto de afirmar que O tronco é o livro do sr. Guilherme F. Coelho romanceado...” (NASSER, 1968, p. 10).

De certa maneira, a crítica literária que julgou menor a obra que se valesse de fatos históricos parece ter impactado mais Bernardo Élis, mas não ao ponto de ele renunciar ao amálgama entre literatura, história e sociedade e criar outra unidade geral para sua obra. Em um breve prefácio feito pelo próprio autor para **Chegou o governador**, depois aproveitado como “orelha” para o romance, pode-se constatar certo receio de que sua obra fosse relacionada mais a história do que a literatura: “Será este um romance histórico? Digo que não. Urdido com os mesmos fios da História, tenta ir mais longe ao interpretar fatos passados ou reconstituir globalmente um tempo perdido, sem maiores comprometimentos com o documentário” (ÉLIS, 1987b, grifo nosso).

Bernardo Élis não foi o único escritor a recusar a classificação de romance histórico para as suas obras. José Saramago irritou-se, relatou Letícia Malard (2006), com essa expressão por considerar que toda ficção literária é também histórica, tanto por pertencer a um determinado tempo e espaço como também por ser uma leitura de um passado (MALARD, 2006, p. 87-88). A crítica mineira avaliou essa postura de Saramago a partir do mesmo receio que justificou a recusa de Élis em considerar como romance histórico **Chegou o governador**: “Romancista histórico, para desavisados, pode ser sinônimo de produtor de uma literatura menor, não no sentido de ‘minoridade’ atribuído à de Kafka por Deleuze-Guattari, por exemplo, mas na acepção de baixa criatividade, de forma discursiva mimetizada de outra forma discursiva com pretensões de Ciências” (MALARD, 2006, p. 88).

O romance histórico no Brasil teve sua origem durante o romantismo, em consonância ao projeto nacional forjado devido à independência política da ex-colônia portuguesa. Se no período o ápice desse subgênero romanesco foi a ficção de José de Alencar, com destaque para as obras **O gaúcho** (1870) e **A guerra dos mascates** (o primeiro volume em 1873, o segundo em 1874), é ela também que revela o esgotamento desse modelo, evidenciado pela ausência de verossimilhança com os elementos locais onde transcorriam as narrativas. Por outro lado, mesmo após o surgimento de outras estéticas e certa diminuição do interesse pela relação entre a literatura e a história, como

no realismo e no naturalismo, essa tendência permaneceu perene até o final do século XIX, sofrendo algumas modificações, e acabou por desembocar no regionalismo dos anos 1930. Esse, ao recuperar a consciência histórica, expressou o desarranjo das estruturas sociais pertencentes aos oitocentos frente à irrupção de um mundo novo: a urbanização, a introdução do caminhão e de outros maquinários agrícolas no campo, o surgimento das indústrias nas cidades.

Pesquisar, divulgar e representar literariamente a história de Goiás, sua sociedade, seus costumes, seus hábitos e tradições. Resgatar do esquecimento os principais vultos. Mesmo os pormenores sem nenhuma relevância, como o local de nascimento da mãe de Álvares de Azevedo, deveriam ser expostos (ÉLIS, 1987a, v. IV, p. 158). Essa postura de Bernardo Élis não deve ser considerada como apenas uma mera vontade de tornar público o que era pouco conhecido, como a genealogia de um poeta ou a origem dos nomes das cidades goianas (ÉLIS, 1987a, v. IV, p. 38), mas sim como uma sincera missão, equiparada, guardada as devidas proporções, a existente em um historiador, em um cientista social.

A queixa bernardiana de uma ausência de valorização da história do Estado está presente em diversos textos do autor. No estudo sobre a vida do poeta Félix de Bulhões, publicado em **Goiás em sol maior**, em 1985, por exemplo, afirmou Élis: “Quem se der ao trabalho de examinar a história de Goiás ficará impressionado com a falta de memória histórica sobre seus principais vultos” (ÉLIS, 1987a, v. IV, p. 4). Outro exemplo dessa preocupação com a obscuridade a que estavam condenadas figuras importantes da história goiana está presente nos versos que introduzem a pesquisa histórica sobre o Marechal Xavier Curado, de 1973: “Salve, filho da terra imensa do Anhanguera! / Não sou eu que proclamo o teu ressurgimento, / Despedaçando o véu de ingrato esquecimento / Que ainda ofusca o esplendor de tua glória austera” (ÉLIS, 1987a, v. V, p. 116).

Engajado em retirar do ostracismo fatos históricos goianos que considerava relevantes, Bernardo Élis não apenas se valeu da história para a composição literária, como também viu seus textos se tornarem uma fonte privilegiada para os historiadores. Afirmou, por exemplo, a historiadora Dalísia Doles (1977) na “Introdução” do seu ensaio “Aspectos econômicos e sociais do coronelismo em Goiás”:

As fontes utilizadas por nós foi de variada origem, desde a oficial aos depoimentos de elementos ligados diretamente ao caso do Duro, à imprensa

nacional que se ocupou da questão, à literatura de Bernardo Élis, que no romance “O tronco” reconstituiu toda a tragédia, desde seus antecedentes, revelando-se mais realidade que ficção (DOLES, 1977, p. IV).

O ensaio de Doles não tinha como objetivo problematizar a perspectiva adotada para a construção de um texto literário que, nas suas palavras, seria “mais realidade que ficção”. Essa desconsideração, por seu turno, fez com que o caráter inacabado do fato histórico ficasse em segundo plano, não relativizando que os materiais utilizados para a produção do romance foram construções de historiadores (LE GOFF, 1990, p. 9), não se apresentando descolado da perspectiva daqueles quem os observava. Essa perspectiva, por sua vez, é que permitiu a releitura de Bernardo Élis sobre os feitos desses vultos – e no caso específico de **O tronco** dos acontecimentos conhecidos como “barulhos do Duro” –, além de viabilizar ao escritor de **Ermos e gerais** o desejo de transformar o mundo os tirando do esquecimento, valorizando quem se encontrava olvidado, lançando luz a fatos importantes da História de Goiás. Élis, nesse sentido, agiu como um historiador que atualizou o passado a partir de suas concepções, revelando seu posicionamento sobre aquelas ações. Ao retermos o passado pelas narrativas bernardianas, para além da estética, conhecemos mais a compreensão de Élis sobre aqueles fatos históricos do que os acontecimentos propriamente ditos, que sempre serão reatualizados por outras perspectivas.

A utilização de fatos históricos nas narrativas e nos textos não literários bernardianos está em consonância com uma proposição consolidada durante a maior parte do século XX pela historiografia goiana: o Estado, com o declínio do ciclo aurífero dos setecentos, passou por um período de enorme decadência, com vilas se reduzindo a vilarejos-fantasmas, pessoas fugindo para o campo e sobrevivendo de forma quase bárbara, a agricultura e a pecuária de subsistência se tornando o carro-chefe da pequena economia estadual. Assim sendo, desde o século XIX até 1930, quando ocorre a “revolução” que desencadearia, dentre outros acontecimentos, na construção de Goiânia, o coronelismo tradicional, grande indutor do atraso no desenvolvimento goiano, acabou por isolar o Estado do restante do país para exercer com plenitude seu controle político na região. Presente em estudos nacionais primorosos, como no de Caio Prado Júnior, **Formação do Brasil contemporâneo**, de 1942, essa ideia, ora focando o período anterior a 1822, ora o posterior à Independência, permaneceu e se consolidou na historiografia goiana, através de importantes trabalhos desenvolvidos, como o de Marivone Matos Chain, em **A sociedade colonial goiana**, de 1978, como o de Itami

Campos, em **Coronelismo em Goiás**, de 1983, e com as importantes pesquisas de Luís Palacín e Maria Augusta de Sant'anna Moraes.

O trânsito entre história e literatura passa por um procedimento estético de deformação, visto como expressionista por Emílio Vieira (2000) na composição dos contos do autor. Esse procedimento estaria ligado “a consciência crítica dos fatos sociais (visão do antipoético)” (VIEIRA, 2000, p. 23), mas não implicaria a não existência de um elemento impressionista, perceptível nas relações com a natureza, que manteria a visão poética do mundo (VIEIRA, 2000, p. 23). Segundo o crítico, Bernardo Élis alternaria um mecanismo que colocaria “em função do tema, a trama; em função da trama o tempo; em função do tempo a ação; em função da ação o espaço e o espaço em função da personagem”, (VIEIRA, 2000, p. 37) quando expressionista; e o caminho inverso, a personagem “em função do espaço; o espaço em função da ação; a ação em função do tempo, o tempo em função da trama; a trama em função do tema” (VIEIRA, 2000, p. 37), quando impressionista. Emílio Vieira, por fim, correlacionou tais elementos a diferentes fases da evolução estética do autor: na primeira, designada como neorrealista, os elementos estariam praticamente ausentes; na segunda, a expressionista – por vezes até surrealista, como propôs Vieira – coexistiria com a impressionista (VIEIRA, 2000, p. 37).

Apesar de extremamente acertada, a análise de Vieira esbarra em uma questão. Há de fato uma evolução técnica nas narrativas bernardianas, mas, ao mesmo tempo, o crítico apontou trechos da novela “André Louco” e dos contos “A mulher que comeu o amante” e “O caso inexplicável da orelha de Lolô”, todos do livro de estreia de Élis, como pertencentes a essa segunda fase. Se na obra de estreia existem narrativas ligadas à segunda, onde estariam as da primeira fase? Emílio Vieira não elabora uma resposta e continua a análise do tema do seu trabalho. Neste sentido, pode se conjecturar que não há uma regularidade temática ou técnica em quase todas as obras publicadas de Élis, talvez excetuando apenas **Veranico de janeiro**, impossibilitando, assim, uma divisão minimamente rígida quando se compara contos de uma mesma obra ou os trechos de um mesmo romance. A impossibilidade de se estabelecer um critério absoluto de fases na obra bernardiana parece ser tão pertinente que, em vias gerais, o próprio autor a admitiu:

O senhor tem 25 livros publicados, o primeiro em 1944. Como faz hoje uma releitura de sua obra?

Encontro falhas, porque assim como o mundo evoluiu, o espírito humano também. Mas sempre procurei impor-me de acordo com o momento da vida e acho os contos do meu primeiro período bastante avançados. Não tenho maiores restrições. Eles têm muitas coisas úteis que eu até perdi com o tempo, mas analisando também, deixei de ter uma visão ligada a classe média rural goiana e passei a ter uma ideologia mais aberta, com uma compreensão maior dos fatos sociais, da economia e do socialismo. Eu parti de uma visão negativista e anarquista do primeiro livro para uma filosofia mais objetiva e dirigida para o social (ÉLIS, 1993, p. 6).

De fato em **Ermos e gerais**, a ironia, o humor negro ou situação cômica estão mais presentes do que em outras obras. Entretanto, elas permanecem ao longo de todas as demais, como na cena que alude a última festa realizada no Palácio dos Arcos, sede do governo da Capitania de Goiás, durante o mandato de João Manuel de Menezes (1800-1804), no romance **Chegou o governador**, publicado mais de quatro décadas depois de **Ermos**:

No salão dançavam quadrilha. No momento que há aquele ritmo no qual todos vão-se trocando os pares e trocando as mãos na corrente geral – nesse momento notaram os dançadores que as mãos estavam sujas e que um fedor nauseabundo de excremento humano invadia o salão. Cada um procurou olhar e cheirar as próprias mãos e pôde notá-las sujas de algo feito de uma fruta podre, que malcheirava a merda. Parou-se a contradança e cada qual, de mão para o alto, se despedia do amigo com uma cortesia de cabeça apenas, procurando ganhar a rua e encontrar o mais ligeiro possível um pouco d'água com que pudesse limpar as mãos e livrar-se de tanto fedor. E o pior é que Vila Boa nunca tinha água suficiente para nada! No palácio ela era vasqueira e o poço ali instalado passava seco a maior parte do ano, obrigando os ocupantes a utilizarem pipas e ancorotes como reservatório do líquido que os escravos traziam do distante chafariz da Cambaúba.

No dia seguinte se soube. Um vadio entrou no salão naquele momento de troca dos pares e, com as mãos carregadas de merda, não precisou nem dar uma volta completa para distribuir a sujeira e catinga entre todos os dançadores (ÉLIS, 1987b, p. 40).

A evolução técnica nas narrativas bernardianas parece estar ligada mais a um amadurecimento da incorporação da linguagem do sertanejo ao discurso do narrador e o progressivo afastamento de soluções estéticas mais provavelmente encontradas no naturalismo, como o coveiro Bento a devorar vivo o filho de Joana, no conto “A Virgem Santíssima no quarto de Joana”, de **Ermos e gerais**, ou o estraçalhamento do braço direito de Totinha, culminando na automutilação em “Moagem”, de **Caminhos e descaminhos**. Além disso, especificamente em **Ermos e gerais**, apesar de uma certa incorporação de palavras e expressões coloquiais sertanejas, ainda existia uma preocupação em manter uma distinção entre os discursos das personagens e o do narrador – que poderia ser confundido pelo público como o do próprio autor, frisa-se –,

sendo necessário, por isso, utilizar a norma padrão da língua portuguesa quando as personagens não se valiam do discurso direto. Isso ocorria, segundo o próprio Élis, porque em Goiás era necessário “demonstrar cabalmente que o autor era perfeito conhecedor do idioma pátrio” (ÉLIS, 2000a, 113).

Os entraves de **Ermos e gerais**, entretanto, foram muito menores que suas qualidades. Além de ser a obra que colocou Goiás no mapa literário do modernismo brasileiro, representou ao autor a certeza que trabalhos melhores poderiam ser realizados: “Muito do que fizera decorria de uma atitude meio gratuita e ingênua que fora levada a sério pela inteligência nacional. Agora teria de olhar as coisas com seriedade e profundidade: cumpria estudar e foi justamente o que me obriguei a fazer” (ÉLIS, 2000a, p. 88). Esse estudo, realizado de forma constante e pragmática, possibilitou a produção de importantes textos críticos sobre o regionalismo brasileiro, como “Valdomiro Silveira e o caipira”, “Tristão de Athayde e o regionalismo” e “Tendências regionalistas do Modernismo”, reunidos em **Lucro e/ou logro**, mas sobretudo contribuíram para o aperfeiçoamento literário:

O senhor chegou a realizar alguma pesquisa de linguagem para criar a fala caipira de seus personagens?

Isso é interessante porque eu nem sou dado muito a línguas. Estudei inglês, francês e latim, mas não falo, tenho uma dificuldade de aprendizagem. Acontece que por eu ter passado a infância junto com elementos que falavam a língua caipira eu adquiri um conhecimento muito profundo. A minha família era elitista, falava um português ligado à gramática, mas quando eu era criança vivia mais junto do povo que utilizava a linguagem popular.

Mas além da vivência o senhor fez algum estudo teórico da língua caipira?

Quando publiquei *Caminhos e Descaminhos*, comprei muitos livros que tratavam da língua brasileira, alguns sistematizando a língua caipira em torno de princípios gramaticais. Cheguei a estudar o tupi para saber se ela tinha exercido influência sobre o português, tentei adquirir uma gramática africana e estudei também o latim vulgar de onde se originou o português. Não cheguei a boas conclusões porque meu estudo foi interrompido, mas até onde fui, entendi que o caipira não é uma deturpação do português pelas línguas africanas e indígenas. Ele é decorrência da evolução do latim vulgar. As expressões com “lhe” molhado, por exemplo, em lugar de dizer vermelho, diz-se “vermeio”, isso é uma tradição portuguesa que vem do latim. O descuido que temos em usar o “s” como plural, atribuo a outra razão, à influência de línguas como a africana, indígena e italiana, que não têm o “s” como plural. Daí essa tendência em dizer “nóis vai”, “nóis fica”. Fico admirado em ver como no Brasil não se faz concordância (ÉLIS, 1993, p. 6).

Admitida a evolução técnica, deve-se também considerar que os melhores textos de **Ermos e gerais** possuíam características que seriam aperfeiçoadas posteriormente. Além disso, outro fator importante a se levar em conta é que essa progressão ocorreu

paulatinamente nos livros posteriores e se consolidou apenas de forma mais homogênea em **Veranico de janeiro** e na junção do discurso historiográfico ao ficcional em **Chegou o governador**. Dessa forma, traçar uma linha evolutiva contínua – mas não necessariamente ininterrupta, uma vez que há textos que foram publicados décadas depois da sua produção – parece ser a opção crítica mais acertada ao se considerar as narrativas de Bernardo Élis.

Considerando a existência de contos de uma mesma obra – ou trechos de capítulos, no caso dos romances – com qualidades díspares, a possibilidade de seccionar qualitativamente a produção bernardiana apenas a partir dos gêneros literários adotados revela-se incompleta. Outrossim, há uma inter-relação visível entre contos, novelas e romances na obra bernardiana. Em **Ermos e gerais**, a novela “André louco” já apresentava elementos relativos ao romance, como a presença de diferentes espaços narrativos e a existência de diferentes núcleos dramáticos, estando ligados, ora de forma mais próxima, ora mais distante, aos surtos da personagem principal; **A terra e as carabinas** estabelece, apesar de se constituir como um produto do realismo socialista, um vínculo direto com o conto “Moagem”, de **Caminhos e descaminhos**; em **O tronco**, a estrutura do conto está presente nos inúmeros casos que funcionam como *flashbacks*; o romance **São Miguel e Almas** foi reelaborado e publicado como contos em **Veranico de janeiro**; a novela “Apenas um violão” dá título a obra que possui uma diversidade estrutural muito grande, com textos configurados dentro da linha regionalista, como “João boi” e outros com uma linha mais experimental, como “Explosão demográfica”; **Chegou o governador**, por fim, representou a junção do discurso historiográfico ao ficcional.

Bernardo Élis também é autor de um livro de crônicas¹, **Jeca-Jica Jica-Jeca**, e de um importante livro de poesia, **Primeira chuva**, há muitos anos esgotado. Além disso, o autor de Corumbá de Goiás possui uma vasta produção fora da Literatura. São ensaios históricos, geográficos, discursos, textos críticos, além de participações em revistas locais. Um trabalho que se propusesse a sistematizar e analisar os escritos de Élis como intelectual, para além dos limites da Literatura, poderia trazer uma importante contribuição não apenas para os estudos culturais, mas também para a elucidação da

¹ Além de existir outras tantas esquecidas nos arquivos das principais redações dos jornais impressos de Goiânia.

relação desse grupo – do qual o autor era um dos principais expoentes – com os agentes políticos de Goiânia e de Goiás.

A existência de uma evolução técnica na obra bernardiana, no entanto, não altera a unidade geral que perpassa toda a sua obra: a transcrição entre o texto histórico e a literatura, em diálogo com a sociedade de Goiás. Mesmo alterando-se as configurações da representação literária, saindo de um tom mais naturalista, em **Ermos e gerais**; passando pelo realismo socialista, presente tanto em **A terra e as carabinas** quanto em **O tronco**; construindo um diálogo com **Os sertões**, de Euclides da Cunha, e adotando a simultaneidade narrativa nas principais passagens de **O tronco**; resgatando em uma perspectiva memorialista o cotidiano da Cidade de Goiás um pouco antes da transferência da capital na novela “Apenas um violão” e, por fim, unindo o discurso historiográfico ao ficcional em **Chegou o governador**, em todas elas, predomina uma perspectiva alicerçada nos valores da “revolução de 1930” no Estado: Goiás vivia até a terceira década do século XX em flagrante atraso, isolado do restante do país, com a população mais humilde privada dos serviços públicos básicos devido à incapacidade dos grupos oligárquicos que foram retirados do poder ou, no caso de **Chegou o governador**, pelo declínio do ciclo aurífero.

O consórcio entre literatura, história e sociedade representa não apenas a unidade geral da obra de Bernardo Élis, em mais de meio século de atividade, como também se constituiu como objetivo inicialmente proposto ainda na década de 1930, quando começou a sua produção, garantindo, assim, o saldo positivo que o escritor via no seu ofício. Em entrevista concedida poucos dias antes do seu falecimento, o autor de **Ermos e gerais**, já bastante debilitado, fez uma espécie de balanço final da sua trajetória enquanto escritor, na qual confirmava que divulgar Goiás sempre foi seu maior objetivo:

Qual o balanço que o senhor faz de sua vida nestes 82 anos?
Acho que fui vitorioso. Por vários motivos: sempre fui tímido, vim de uma educação severa e quase castradora. Goiás era sertão e permaneci aqui para divulgar meu Estado. Decidi escrever para colocar Goiás na literatura porque, quando ainda muito jovem, percebi que não se falava em Goiás, e isso contribuiu para minha luta. Acho que atingi este objetivo. Colocar Goiás no cenário cultural nacional. Meu balanço, nesse sentido, é bastante positivo. Mas por outro lado, me sacrifiquei, não morando no Rio de Janeiro, o centro cultural do País, onde poderia ir além do reconhecimento de minha literatura (ÉLIS, 1997d, p. 1).

Por fim, deve-se considerar que essa exitosa divulgação foi obtida não apenas pela junção dos elementos que compõem a unidade geral, mas principalmente pela reestruturação técnica constante a que sua obra foi submetida. Essa inquietude aprimorou seus textos e indicou o triunfo da literatura sobre o potencial historiador ou cientista social, afinal, concluiu o próprio Bernardo na última entrevista, “A fantasia é uma coisa extraordinária. É uma grande válvula de escape. A literatura é a concretização da fantasia e, por isso, é formidável escrever ficção” (ÉLIS, 1997d, p. 1).

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. Bernardo Élis: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Benjamin Abdala Junior. São Paulo: Abril Educação, 1983. (Literatura Comentada).
- ALMEIDA, Nelly Alves de. *Presença literária de Bernardo Élis*. Goiânia: Ed. da UFG, 1970.
- _____. *Estudos sobre quatro regionalistas*. 2. ed. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1985.
- ANDRADE, Mário de. Regionalismo. *Diário Nacional*, São Paulo, 4 fev. 1928.
- _____. Carta a Bernardo Élis em 20/11/44. *Cadernos de estudos brasileiros*. Goiânia, n. 1, p. 169, 1963. Fac-símile. Disponível em <http://www.ceb.ufg.br/up/473/o/caderno_1963.pdf>. Acesso em 17 fev. 2017.
- ANDRADE, Olímpio de Sousa. *História e interpretação de “Os sertões”*. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. (Coleção Afrânio Coutinho,66).
- ARON, Raymond. *O Marxismo de Marx*. Tradução Jorge Bastos. 2ª ed. São Paulo: Arx, 2005.
- ATHAYDE, Tristão. Regionalismo universalista. In: *Remate de males – Dossiê Bernardo Élis* (org. Enid Yatsuda Frederico & Flávia Carneiro Leão). Campinas: Unicamp, v. 17, 1997. p. 123-124.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Questões de literatura e estética (a teoria do romance)*. 6 ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Junior, Augusto Góes Junior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: ÉLIS, Bernardo. *O tronco*. 9. ed. São Paulo: Ed. José Olympio, 2003. p.xi-xv.
- BERGAMO, Edvaldo. *Ficção e convicção: Jorge Amado e o neo-realismo literário português*. São Paulo: UNESP, 2008.
- BORGES, Venerando de Freitas. Cultora da Língua Portuguesa. In: ALMEIDA, Humberto Ludovico (Org.) *Registro de uma obra: opiniões e comentários sobre a atividade literária de Nelly Alves de Almeida*. Goiânia: Kelps, 1994. p. 87-91.
- BOSI, Alfredo. *O Conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. Prefácio 1. In: OLIVAL, Moema de Castro e Silva. *O processo sintagmático na obra literária*. Goiânia: Oriente, 1976. p.21-26.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. 42. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

- BUENO, Luis. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Ed. Unicamp, 2006.
- CALAGE, Eloí. Bernardo Élis, um olhar. In: UNES, Wolney (Org). *Bernardo Élis - Vida em obras*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura - AGEPEL, 2005, p. 153-161.
- CAMPOS, Gedeon Pereira. *Risibilidade na contística de Bernardo Élis*. Goiânia, 2008. 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2008.
- CANDIDO, Antonio. Bilhete de Antonio Cândido comentando *Veranico de Janeiro*. São Paulo, 6 dez. 1967 (2 pp.; ms.; c/ ass.; c/envelope; c/ cópia). In: CUNHA, Adalardo. Carta a Bernardo Élis encaminhando bilhete de Antonio Candido. Rio de Janeiro, 1 fev. 1968.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.
- _____. *Ficção e confissão*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. O homem dos avessos. In: *Tese e antítese*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 2000. p.119-139.
- _____. *Brigada ligeira*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004a.
- _____. Degradação do espaço. In: *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004b. p.47-79.
- _____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004c. p.169-191.
- _____. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 169-196.
- _____. Literatura de dois gumes. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 197 -217.
- _____. A Revolução de 1930 e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006c. p. 219 -240.
- _____. *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2007.
- CANEDO, Rogério Max. *Por essas estradas o homem voa nas asas de sua fantasia: História e ficção em Chegou o governador*. 2011. 200 f. Dissertação [Mestrado em Letras e Linguística] – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROED, 1988.
- CHIAPPINI, Lígia e AQUAR, Flávio Wolf de. (Org.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. v.2. p. 665-702.
- _____. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995. p.153-159.
- COELHO, Gustavo Neiva. *A modernidade art déco na construção de Goiânia*. Goiânia/GO: Ed. do Autor, 1997.
- CREMONESE, Dejalma. *História e filosofia: relação entre o esquema hegeliano e “Os Sertões” de Euclides da Cunha*. 1996. 80 f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 1996.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Nova

- Aguilar, 2005.
- CURADO, Ramir. *A presença de Corumbá de Goiás na vida e obra de Bernardo Élis*. 2. ed. Anápolis: Gráfica e Editora Anápolis, 2015.
- DOLES, Dalísia Elizabeth Martins. Aspectos econômicos e sociais do coronelismo em Goiás. *Cadernos de Pesquisa II*: – Departamento de Ciências Humanas. Goiânia, ICHL/ Ed. da UFG, 1977.
- ÉLIS, Bernardo. *O tronco*. São Paulo: Livraria Martins, 1956.
- _____. *Ermos e gerais: contos goianos*. 2. ed. Goiânia: Editora Oió, 1959.
- _____. *Caminhos e descaminhos*. Goiânia: Brasil Central, 1965.
- _____. *Veranico de janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- _____. *Tendências regionalistas no Modernismo*. In: ÁVILA, Afonso (org.). *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 87-101.
- _____. Os barulhos do Duro. In: PÓVOA, Osvaldo Rodrigues. *Quinta-feira sangrenta*. Goiânia: Gráfica e Editora Líder, 1980. p. 5-6
- _____. Bernardo Élis fala sobre suas obras literárias. [Goiânia?]: 1982. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HCerABFDdMQ&t=1s>>. Acesso em 23 fev. 2016.
- _____. *Apenas um violão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Jeca Jica – Jica Jeca*: crônicas. Goiânia: Cultura Goiana, 1986.
- _____. *Obras reunidas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987a. (Coleção Alma de Goiás, 5 v.).
- _____. *Chegou o governador*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987b.
- _____. Perdi meu tempo escrevendo no Brasil. *Mutirão Cultural*. Goiânia, p. 6-7. nov. 1993.
- _____. Poemas, palavras, retratos. *Diário da Manhã*. Goiânia, Local, p. 8. 1 dez. 1997a.
- _____. Confissões de um imortal. *O Popular*. Goiânia, Caderno 2, p. 6 20 jul. 1997b.
- _____. Esse é Bernardo, seu moço. *Diário da Manhã*. Goiânia, Cultura, p. 3. 21 jul. 1997c.
- _____. Bernardo Élis, um vitorioso. *O Popular*. Goiânia, Caderno 2, p. 1. 15 nov. 1997d.
- _____. *A vida são as sobras*. Organização de José Lino Curado. Goiânia: Kelps, 2000a.
- _____. Confissões de um imortal suicida. *Jornal Opção*. Goiânia, Memória, A-27-A-29. 24-30 dez. 2000b.
- _____. *O tronco*. 9. ed. São Paulo: J. Olympio, 2003.
- _____. *A terra e as carabinas*. Goiânia: R & F Editora, 2005.
- FARIA, Zênia. Aspectos da recepção crítica da obra de Bernardo Élis. *Signótica – Revista do Mestrado em Letras e Linguística*. Goiânia, Ed. UFG, v. I, ano I, jul/dez 1986. p. 155-170.
- FREDERICO, Eny. Apresentação. In: ÉLIS, Bernardo. *A vida são as sobras*. Organização de José Lino Curado. Goiânia: Kelps, 2000. p. 7-13.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.
- GARCIA, José Godoy. *Aprendiz de feiticeiro: estudos críticos*. Brasília: Thesaurus, 1997. p 52-66.
- GOMES, Modesto. *Estudos de literatura goiana*. Goiânia: Centauro Gráfica e Editora, 1978.

- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).
- JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos Estudos – CEBRAP*. São Paulo, n. 77, p. 185-203, mar. 2007.
- JORGE, Miguel. Sessenta anos de ‘Ermos e Gerais’. Bernardo Élis: de corpo inteiro. In: UNES, Wolney (Org). *Bernardo Élis - Vida em obras*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura - AGEPEL, 2005, p. 83-97.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al]. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- LEITE, Lígia Chiappini Morais. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.
- LIMA, Jorge. À margem de Euclides. In: *Teresa: revista de literatura brasileira*. nº 3. São Paulo, Ed. 34, 2002.p.179-182.
- LIMA, Herman. Bernardo Ellis, um grande regionalista. *O popular*. Goiânia: 09 jan. 1966. Suplemento literário, p.1.
- LINHARES, Temístocles. *Introdução ao mundo do romance*. 2. ed. corrigida e aumentada. São Paulo: Quíron; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976.
- LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever?. Trad. de Giseh Vianna Konder. In: *Ensaios sobre Literatura*. Coord.. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 43-94.
- _____. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo, 2011.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma história*. Goiânia: Cegraf/UFG, 1990.
- MACÊDO, Ercília. *Um contista goiano*. Goiânia: Gráfica e Representações Couto Magalhães, 1968.
- MALARD, Letícia. *Literatura e dissidência política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 85- 93.
- MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Introdução. In: ÉLIS, Bernardo. *Ermos e gerais*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.ix-xxix.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa 1*. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. *Machado de Assis: ficção e utopia*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MORA, J. Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Trad. Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001. v. II, p. 1292-1298.
- MOREYRA, Sérgio Paulo. A importância da Oeste. *Oeste - revista mensal*. Goiânia: AGEPEL, 2001. 1 CD-ROM.
- _____. Entrevista. In: UNES, Wolney (org.). *Bernardo Élis: vida em obras*. Goiânia: Agepel, 2005. p. 21-44.
- NASCIMENTO, José Leonardo do; FACIOLI, Valentim (Orgs.). *Juízos críticos: Os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Nankin Editorial, Ed. da UNESP, 2003.
- NASSER, Jarmund. O tronco - um romance sem originalidade. *O popular*. Goiânia: 15 out. 1968. Suplemento literário, p. 1 e 10.
- OESTE - Revista Mensal. [Livro em CD-Rom]. Goiânia: Agência Goiana de Cultura “Pedro Ludovico Teixeira” – AGELEL, 2001.

- OLIVAL, Moema de Castro e Silva. *O processo sintagmático na obra literária*. Goiânia: Oriente, 1976.
- _____. Ermos e gerais: vertente temática e estilística da obra bernardiana. In: *Revista da Academia Goiana de Letras: Cinquentenário de Ermos e Gerais (1944-1994)*. Goiânia. nº 17. p. 51-72, dez. 1994.
- _____. Bernardo Élis: vertente temática e estilística. In: *O espaço da crítica: panorama atual*. Goiânia: Ed. da UFG, 1998. p.141-158.
- PALACÍN, Luís. A construção de Goiânia e o desenvolvimento de Goiás. In: VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA – ANPUH, v. I, 1973, Belo Horizonte. *Anais*. São Paulo: Coleção da *Revista de História*, 1974. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S07.41.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2016.
- _____. ; MORAES, Maria Augusta de Sant’anna. *História de Goiás*. 6. ed. Goiânia: Ed. UCG, 2001.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. v.xii.
- PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias: 1889-1943. A Bahia na Primeira República*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Clara Tomaz (orgs.). *Literatura e história: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 11-27.
- PIMENTA NETTO. *Anais do Batismo Cultural de Goiânia: 1942*. Reedição Histórica. Goiânia, Prefeitura Municipal de Goiânia - Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo, 1993.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 23 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. 8. ed. Goiânia: Editora UFG, 1998.
- Remate de males – Dossiê Bernardo Élis (org. Enid Yatsuda Frederico & Flávia Carneiro Leão). Campinas: Unicamp, v.17, 1997. p. 143.
- RIEDEL, Dirce Cortes. Saga de espantos. In: *Remate de males – Dossiê Bernardo Élis* (org. Enid Yatsuda Frederico & Flávia Carneiro Leão). Campinas: Unicamp, v.17, 1997. p. 127 - 134.
- ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. Trad. André Teles. São Paulo: Cosacnaify, 2007.
- ROSA, João Guimarães. Carta a Bernardo Élis em 21/05/1965. In: ÉLIS, Bernardo. *Caminhos e descaminhos*. Goiânia: Brasil Central, 1965. Fac-símile.
- SABINO JÚNIOR, Oscar. Itinerário do romance em Goiás. *Notas de um leitor de província*. Goiânia: Secretaria de Estado da Cultura, 1991. p. 127-130.
- SALES, Germana; SOUZA, Roberto Acízelo de (orgs.). Apresentação. *Literatura Brasileira: região, nação, globalização*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2013. p. 7-9.
- SANTIAGO, Silviano. Poder e alegria: a literatura brasileira pós-64. *Nas malhas da terra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p 13-27.
- SANTOS, Nádia Maria Weber. *Narrativas da loucura & Histórias de sensibilidades*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2008.
- SANTOS, Pedro Brum. Literatura e intervenção: romance histórico no Brasil. In: *Floema: caderno de teoria e história literária*. Vitória da Conquista, ano VII, n. 9, p. 283-303, jan./jun. 2011.

- SANTOS, Rogério Santana dos. *O triunfo do conto: em Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis*. 2004. 359 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SCANTIMBURGO, João de. Brasil perdeu um notável escritor “desconhecido”. *Folha de São Paulo*. 6 dez. 1997. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq061217.htm>>. Acesso em 13 abr. 2017.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SILVA, Ana Lúcia da. *A Revolução de 30 em Goiás*. Goiânia: Cãnone; Agepel, 2001.
- SILVA, Rogério Souza. “Mito, história ou realidade: uma análise do discurso, da ação e da noção de temporalidade em Antônio Conselheiro”. In: *Antônio Conselheiro: a fronteira entre a civilização e a barbárie*. São Paulo: Annablume, 2001. p. 85-128.
- SILVA, Vítor Manuel Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 2. ed. revista e ampliada. Coimbra: Almedina, 1969.
- TEIXEIRA, Pedro Ludovico. *Memórias*. 2 ed. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1973.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos goianos: a poesia em Goiás*. 2. ed. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1983. v. 1. (Coleção Documentos Goianos, 13).
- _____. A síntese Su/realista de Bernardo Élis. In: *Revista da Academia Goiana de Letras: Cinquentenário de Ermos e Gerais (1944-1994)*. Goiânia. nº 17. p. 21-31, dez. 1994.
- _____. *Estudos goianos II: a crítica e o princípio do prazer*. Goiânia: Ed. UFG, 1995. (Coleção Documentos Goianos, 27, v. 2).
- _____. O lu(g)ar dos sertões. In: *Contramargem – II: estudos de literatura*. Goiânia: Ed. da UCG, 2009. p. 111-153.
- _____. Dos Ermos aos Caminhos dos Gerais. *Remate de males – Dossiê Bernardo Élis* (org. Enid Yatsuda Frederico & Flávia Carneiro Leão). Campinas: Unicamp, v.17, 1997. p. 135-138.
- _____. *O conto brasileiro em Goiás*. 2. ed. Goiânia: Ed. UCG, 2007. (Coleção Goiânia em prosa e verso).
- TELES, José Mendonça. *Vida e Obra de Silva e Souza*. Goiânia: Oriente, 1978.
- “TROPAS E BOIADAS” E “ERMOS E GERAIS”. *Seara*. Goiânia: ano 1, n. 1, pp. 3, 30, 34, 37 e 38, dez. 1951 – jan. 1952.
- TULMANN NETO, M. A família na URSS e nos Estados capitalistas. *Seara*. Goiânia: ano 1, n. 2, p. 1 - 2. 1952.
- UNES, Wolney (org.). *Bernardo Élis: vida em obras*. Goiânia: Agepel, 2005.
- VICENTINI, Albertina. Bernardo Élis revisitado. In: *Multitemas*. Campo Grande, n. 8, p. 240 - 253, fev. 1998.
- VIEIRA, Emílio. *O expressionismo em Bernardo Élis e Siron Franco*. Goiânia: Ed. UFG, 2000.

SOBRE O AUTOR

Átila Silva Arruda Teixeira

Possui graduação em Letras-Português (2006), Mestrado (2010) e Doutorado (2017) em Letras e Linguística, todos realizados na Universidade Federal de Goiás (UFG). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literaturas em Língua Portuguesa, Teoria Literária, Correntes Críticas Modernas e Contemporâneas e Ensino de Literatura. Atuando principalmente nos temas literatura e história, literatura e sociedade, teoria e crítica literárias, é Professor Adjunto da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, atuando na graduação e na pós-graduação - Mestrado em Letras (área de concentração: Literatura e Crítica Literária).

Recebido para publicação em Outubro de 2020

Aprovado para publicação Novembro de 2020